

O APELO IDEOLÓGICO AO FETICHISMO ACADÊMICO: A MOEDA DE TROCA DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Rosimê da Conceição **Meguins** – UFPA

Resumo

Estudo de Caso conduzido com docentes de pós-graduação da Universidade Federal do Pará-UFPA para compreender implicações das políticas neoliberais aplicadas à educação superior na (re)configuração da subjetividade docente obteve resultados surpreendentes. Dados obtidos em entrevistas não diretivas revelaram que o desenvolvimento das ações, *per se*, não se constituem na principal dificuldade que enfrentam, podendo ser consideradas inclusive como condição que ainda permite satisfação na realização de seu trabalho. É a regulação de tais ações, exercidas por agências externas que controlam ritmo e quantidade de produção a ser atingidas, que pode ser responsável pela pressão experimentada e na ansiedade gerada para alcançar os índices estabelecidos. Situação sustentada com forte apelo ao narcisismo acadêmico para camuflar a intensificação e precarização do trabalho docente, mas não suficiente para negar sua existência real. Se a ideologia neoliberal se objetiva por meio da ação que impõe, tal ação executada por sujeitos pode também permitir reflexão e retomada na direção de sua humanização.

Palavras-chave: Fetichismo acadêmico e subjetividade docente; Políticas educacionais e trabalho docente; Ideologia neoliberal e Educação.

O APELO IDEOLÓGICO AO FETICHISMO ACADÊMICO: A MOEDA DE TROCA DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Introdução.

A tentativa de apreender as transformações impostas ao trabalho docente pela aplicação da lógica neoliberal à educação superior brasileira foi conduzida de modo a ser alcançada pela via dos sujeitos responsáveis por sua objetivação: os docentes. Atitude esta que levou em consideração a compreensão de que as atuais políticas formuladas para a educação superior brasileira se efetivam por meio da normatização de práticas cotidianas de engendramento da lógica neoliberal no interior das ações que os

docentes são levados a desenvolver. Objetivação que uma vez executada por sujeitos, pode vir a atuar no sentido de promover sua assimilação, ou seja, a subjetivação.

A reprodução do capital social total analisada por Marx (2014) que assinala a natureza cíclica desta reprodução com ciclos econômicos e crises que se sucedem também evidencia que ela não obedece a um modelo padrão. Em sua fase atual, neoliberal, o capital atinge a educação o que exige investigação de modo que as especificidades de sua configuração sejam identificadas.

Nosso interesse voltou-se para a apreensão da totalidade pelo particular. Nesta perspectiva alienação, fetichismo e conscientização são categorias marxianas consideradas relevantes para sustentação das ideias centrais apresentadas neste relato, desenvolvido a partir de Estudo de Caso realizado com docentes-pesquisadores que atuam em programa de pós graduação, da Universidade Federal do Pará.

Para alcançar esta dimensão utilizamos a entrevista semi diretiva por entendermos que o trabalho integra vida psíquica e cognitiva. Pressuposto tomado de empréstimo da teoria marxiana de que a consciência é, em alguma instância, determinada pelas relações de trabalho. Uma vez que as ações educacionais que traduzem a política e ideologia neoliberal aplicada à educação superior, hoje colocadas para serem executadas pelos docentes na pós graduação se uniformizaram e se universalizaram enquanto proposta hegemônica, torna-se inevitável o desvio em direção aos sujeitos. O que permite um acesso, capaz de atingir pela via subjetiva, o terreno concreto da vida social cotidiana, enquanto meio de produção material e intelectual, bem como as formas de resistências possíveis virem a ser desenvolvidas.

A abordagem metodológica.

Para realização deste Estudo de Caso selecionamos um programa de pós graduação da Universidade Federal do Pará-UFGPA, instituição federal de ensino superior localizada na Região Amazônica, que possui peculiaridades marcantes. Atualmente, ela ocupa o lugar de maior instituição nacional em número de alunos contando com um quadro discente de 46.207 alunos enquanto o quadro docente é de apenas 2.310. ([http:// www.ufpanumeros.ufpa.br/](http://www.ufpanumeros.ufpa.br/)) A título de ilustração a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que já ocupou esta posição, conta com 3.735 docentes para atender 45.290 alunos. (<http://www.ufrj.br/docs/lai/UFRJemn%C3%BAmeros2012.pdf>)

O objeto deste estudo, a configuração da subjetividade do docente pesquisador sob o impacto das políticas neoliberais aplicadas ao trabalho realizado na pós graduação, foi conduzida por intermédio de abordagem qualitativa com inferências realizadas a partir das modificações havidas (ou não) em sua atuação, como decorrência do exercício de atividades em programas de pós graduação. Momento no qual passa a ser utilizada a terminologia docentes pesquisadores para nomear especificamente aqueles que atuam neste nível de ensino.

O universo pesquisado, com amplitude e representação limitadas faz com que ele se configure em estudo de alcance específico, sem o propósito de generalização acerca da apreensão subjetiva da concepção neoliberal por docentes.

Escolhemos aleatoriamente onze (11) professores os quais foram convidados a tomar parte da investigação, destes apenas dez (10) docentes responderam à solicitação. Em seguida demos início à realização das entrevistas que foram filmadas integralmente, com duração variável entre 50 a 60 minutos, cada uma delas. As personagens foram identificadas com a letra D, que representa DOCENTE, seguida de um número (1 a 10) randominamente utilizado, visando resguardar sigilo acerca de suas identidades.

Na etapa seguinte deu-se a transcrição e edição do material para construção das categorias visando a realização de análise dos dados obtidos. Fica registrado não haver pretensão de realizarmos inferências gerais ou generalizáveis. A análise dos dados obtidos das entrevistas não diretivas voltou-se para as manifestações particulares com ênfase nas singularidades. Não houve, por óbvio, nenhuma intensão de elaborar construções tipológicas da subjetividade, embora as regularidades observadas não tenham sido desprezadas .

O eixo orientador que norteou o desenvolvimento da entrevista, o trabalho docente, envolveu aspectos objetivos e subjetivos a ele relacionados, segundo a livre expressão de suas atitudes (ação, percepção, motivação, avaliação, afetos e afecções) no envolvimento com outras pessoas, objetos e com si mesmos.

A presença e/ou ausência de fatores que caracterizavam objetividade e subjetividade permitiu a divisão em sequências do corpus de dados levando em consideração os aspectos que orientaram a própria entrevista. Após transcrição, todo o material foi submetido à análise de enunciação (BARDIN, 2013) de modo a ser organizado em três categorias:

1. Alienação.

2. Fetichismo
3. Conscientização.

Alienação.

O jovem Marx encantara-se desde cedo com a percepção de que o homem, este ser concreto e natural, transformara e continuava transformando o mundo através de seu trabalho e de sua práxis, e que em um mesmo movimento transformara e continuava a transformar a si mesmo. A natureza, transformada pelo homem, “humanizara-se”, incorporara a sua face humana. O homem mudara literalmente a face da Terra, e para onde quer que olhemos, pode-se dizer, não poderemos mais deixar de enxergar a marca humana. Mas, ao mesmo tempo, ao lado deste comovente encantamento diante da capacidade humana de “transformar o mundo e de transformar a si mesmo”, Marx também encontrara a sua terrível sombra: a percepção de que este mesmo homem, neste ponto de sua análise multiplicado pela infinidade de indivíduos, também se perdera na história, se “desumanizara” e se “desnaturalizara”; em uma palavra, “se alienara” (da natureza, de si mesmo e de suas próprias criações). A “alienação” (que tem em Marx o duplo sentido de “estranhamento” e perda de consciência) logo se tornaria o primeiro tema importante do jovem Marx – o seu objeto mais sistemático de reflexão na primeira fase de seus escritos. (BARROS, 2011, p. 239)

O trabalho docente ao pressupor a necessidade de reflexão pode fazer vir à tona uma representação de sujeito capaz de dificultar a utilização da categoria alienação na análise dos dados obtidos. Entretanto, o próprio Marx fez questão de enfatizar que “(...) a alienação da vida humana permanece e continua sendo tanto maior, quanto mais consciência dela como tal se tem -” (MARX, 1991, p.181). Constata-se que dá a dimensão de que a superação de tal condição só possa ser pensada no plano total, tanto subjetiva, quanto objetivamente.

As falas dos sujeitos confirmam esta condição e denunciam a contradição instalada no interior de cada um ao refletir sobre seu trabalho.

... então eu digo assim, que nós estamos tentando incidir na relação que a Universidade está estabelecendo com a sociedade, eu reconheço que a ação hegemônica é na direção da parceria público – privado, como o mercado e as empresas tem colonizado o nosso cérebro, entendeu, confiscado o fundo público para o investimento nessa direção. Mas, na minha opinião, nós estamos fortalecendo a parceria das Universidades com os movimentos sociais, envolvendo o setor público. Por que é isso que eu acho interessante, o setor público não tem histórico de diálogo com os movimentos sociais, pelo contrário, a maioria é direita e querem ver os movimentos sociais longe, mas eles querem ver a universidade perto. (D1)

A situação experimentada causa tamanho conflito que a forma de amenizá-lo é encontrada com a maximização dos aspectos ‘positivos’ e a minimização dos ‘negativos’. A realidade, entretanto, permanece inalterada.

Então continuamos resistindo, a gente continua fazendo artigo, fazendo fala, se manifestando. Mas, a gente tem uma prática que vai de certa maneira e em certa medida de encontro a essa fala que a gente faz, que a gente publica, que a gente dá aula, sabe: A questão da intensificação e da precarização. Por que na realidade nos estamos fazendo isso. Nós estamos tendo trabalho intensificado e o pior é que a gente tem consciência disso, não é uma coisa que pode ser que um funcionário lá do comércio não tenha, mas nós temos consciência. (D3)

A impotência experimentada é resultado da situação concreta a que estão submetidos, na qual totalidade – subjetividade se constituem em unidade.

Tudo aquilo que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o transformava quase em um autômato ou em um “animal desnaturalizado”; tudo aquilo que o mergulhava em uma espécie de sono do qual não parecia ser possível despertar, remetia em Marx ao âmbito da alienação. (BARROS, 2011, p. 239)

Só o pensamento ingênuo pode supor que tal situação viesse a ser obtida exclusivamente pela utilização de medidas de coação. Se assim fosse, poderíamos também supor fortes atitudes de reação contrárias a ela. Por isso, Marx chama atenção para a manipulação realizada a partir das próprias carências do sujeito. Necessidade e satisfação humanas deixam de existir com a anulação dos sentidos físicos e espirituais, posto que estão alienados e ainda por serem substituídos pelo sentido do ter.

Fetichismo.

Daí a magia do dinheiro. A conduta meramente atomística dos homens em seu processo de produção social e, portanto, a figura reificada de suas próprias condições de produção, que é independente de seu controle e de sua ação consciente individual, se manifestam inicialmente no fato de que seus produtos assumem em geral a forma mercadoria. O enigma do fetiche do dinheiro é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria, tornado visível e ofuscante. (MARX, 1988, p.73)

Pires (1999) estuda o modo pelo qual o fetiche da mercadoria serve como “elemento explicativo do surgimento, da consolidação e do modo de operar dessas

relações e das formas de distribuição correlatas” revelando “ o caráter ideológico da forma de operar da economia mercantil capitalista”.

Evidente que no estudo em pauta, a mercadoria que será dotada de valor serão os produtos resultantes do trabalho docente submetidos a critérios quantitativos de avaliação. Medida por critérios impostos a partir de fora, com o objetivo de avaliar e hierarquizar, tal exigência afeta, indistintamente, docentes, discentes e técnicos, ou seja, a instituição de ensino superior. Observa-se uma total inversão dos critérios que passam a aferir eficiência e eficácia a partir de números em detrimento à qualidade.

Quando eu terminei o mestrado e cursei o doutorado, lá em 99, já começa essa discussão sobre produção. Eu me lembro que nessa época inclusive, saiu na USP uma lista dos improdutivos, que foi uma polêmica: A história da lista dos improdutivos. E eram aqueles professores, altamente qualificados, que davam excelentes, brilhantes aulas e que não estavam preocupados em estar publicando na revista científica A, B, C ou D, não é?. E esses professores saíram na lista do professores improdutivos (risos). Eu lembro que esse foi o grande marco. Esse acontecimento, esse fato mobilizou muito a USP, os alunos ficaram indignados, de ver os seus brilhantes professores, que davam aulas brilhantes, serem considerados improdutivos.(D8)

Este fato emblemático demarca a mudança ocorrida no interior das instituições de ensino superior sob a égide da lógica neoliberal. Agências de controle externo passam a regular desde o credenciamento os programas de pós-graduação no Brasil, submetendo-os à avaliação com fins de ranqueamento e condicionando sua manutenção aos resultados alcançados.

A obtenção de recursos para custear projetos de pesquisa, de bolsas destinadas tanto a docentes como discentes, tudo está submetido à lógica produtivista.

Por que o que eu vejo é o seguinte, eu vejo que o sistema criou uma lógica de disputa interna na produtividade, entendeu, então é uma vaidade muito grande que tem. Por que você passa a se projetar no meio acadêmico, passa a se... Agora mesmo recebi e-mail de um colega meu: ‘Ah estou aqui em Paris.’ O outro tá lá em Londres, o outro veio de Portugal. Hoje, tudo hoje, os três e-mails. O que está lá em Paris disse: ‘Ah! Eu tô muito arrasado por que o pessoal entrou em greve das companhias aéreas’. Lá de Paris. Ele estava com medo de não poder voltar. Aí agente caiu na risada: ‘ Imagina, a gente tá morrendo de pena de ti’. É assim sabe, a gente vê muito isso, você passa a conquistar outros espaços que você não conquistava antes, ganha notoriedade, ganha projeção... Agora o que vejo é assim, o clima institucional entre colegas é individualista, é um querendo derrubar o outro, é um querendo passar a perna no outro. Tu submetes um projeto para financiamento ninguém sabe, só sabe quando sai o resultado.(D4)

A pressão constante gera ansiedade e angústia que só consegue ser suportada com recurso a mecanismos semelhantes ao promovido pelo fetiche da mercadoria. Os produtos resultantes do trabalho adquirem um valor que funciona como moeda de troca no ‘mercado acadêmico’. O valor monetário só é aplicado a alguns produtos do trabalho docente, por exemplo, como os projetos de pesquisa e as bolsas produtividade.

No CNPq a bolsa produtividade é: 1A, a mais alta, por que é assim um funil, uma pirâmide, a mais alta é 1A, tem umas vinte aqui no país, depois tem 1B, 1C, 1D e a base da pirâmide é 2. A gente entra no 2 e para passar para 1D é muito difícil, por que alguém 1D tem que morrer, ou não tentar renovar. Por que enquanto tu pedes renovação, se tu tiveres produção mínima exigida tu continuas. Então é difícil abrir uma vaga, quando abre vaga, abre na 2. Foi assim que eu entrei, eu e X, teve uma ampliação de vaga o ano passado. Nós tivemos sorte. Por isso que o rapaz dizia assim para mim, o professor de lá, dizia assim pra mim: ‘Tenta sempre, tenta sempre.’ Eu mandava o mesmo projeto. ‘Tenta, um dia abre vaga.’ Aí abriu vaga entendeu, foi assim que nos conseguimos. Agora para sair é eu não renovar ou eu morrer. Porque até aposentado continua com a bolsa produtividade, desde que tu continues produzindo, não precisa nem ter vínculo com a instituição. Sabe quanto é o valor, R\$1.100,00 (Um mil e cem reais), a única vantagem é que tu não tens que prestar contas. Mil e cem reais e aí tu tens que dar parecer nesse monte de coisa.(D4)

Ainda que o valor atribuído às bolsas produtividade não corresponda diretamente ao modelo de uma metamorfose semelhante a que ocorre com o dinheiro e a mercadoria, nem esteja ligado à circulação de um produto, a ela se agrega um outro valor simbólico. Este fetiche criado pelo sistema neoliberal que a educação assume impõe a necessidade de reprodução do próprio sistema produtivo na área educacional.

O valor extrínseco atribuído a projetos e bolsas, enquanto valor padrão definido pelas agências reguladora, pode não corresponder à essência do produto, considerando quantidade de horas e energia despendidos para executá-lo ou mesmo a qualidade do produto. Já o valor intrínseco atribuído por quem o executa atende não somente às necessidades do sujeito de se reconhecer na materialidade obtida pelo seu trabalho, como também confere-lhes prestígio, distinção e reconhecimento no meio acadêmico.

Efeitos suficientemente capazes de canalizar conteúdo emocional em direção à satisfação, que funciona como descarga para a pressão represada na tensão a que se veem submetidos e, ao mesmo tempo, capazes de desviar e evitar a experiência de

angústia e sofrimento decorrentes do fato de não serem mais determinados de modo algum por suas individualidades.

É por que você trabalha demais para conseguir. Às vezes a gente pensa assim: Puxa, mas 3 anos, por que a exigência é muita pra você continuar no doutorado. Quando você entra, não necessariamente você entra no Mestrado e Doutorado. Mas, para o doutorado é que você tem que ter 6, como a CAPES chama, produtos, e aí no triênio você tem que ter no mínimo 6 produtos. E aí nesse momento, entra uma outra discussão, que tá acontecendo agora, que é a estória da auto intensificação, que eu discordo dessa auto intensificação, por que quem defende diz que, a CAPES só cobra 6 e que eu faço 8 ou 9, então que o problema é meu, por que a CAPES só está exigindo 6. Mas, fazer 8 ou 9, ela já tem outra coisa que é, você tá sempre competindo, por que existem, pra você ter um projeto financiado, você concorre a um edital, que não tem dinheiro para todo mundo, então mesmo o teu projeto sendo aprovado no mérito, vai ser considerado agora o teu Currículo Lattes, pra poder fazer essa classificação, uma vez que tem duzentos pedidos e só pode atender 50. E lógico tu vais ter que estar com o Lattes que tu não podes estar com 6 por que 6 todo mundo tem, certo? Então se tu queres financiamento pro teu projeto senão tu não vás ter como desenvolver o teu projeto, tu vás ter que fazer esse sacrifício, de ter além das 6, pra tu poderes de fato obter alguma coisa. Por exemplo quando tu estás com a bolsa, financiamento pra você apresentar um trabalho no exterior, pedir um pós doutorado pro exterior, então todas essas coisas que tu estás pedindo vão ser avaliada não só no mérito mas também no Lattes, ela diz valores, exatamente. Então essa questão aí, do que é que diferencia o prazer da dor, eu acho que a gente acaba num processo de amortizar esse sofrimento por que ele é constante. Se você ficar aí o tempo todo, você abandona, você entra aí num processo como muitos colegas entram né, de depressão, de adoecimento, que é muito sério, que não é pouca coisa. (D2)

Esta é a reconciliação possível permitida pelo fetiche que atribui valor equivalente a coisas que possuem propriedades contraditórias.

Então, isso foi assim me fortalecendo individualmente, profissionalmente, me engajando politicamente, entendeu. Isso não estava na minha dimensão. Assim, eu não sabia que isso ia acontecer comigo, não é. E aí pronto, acho que o tempo vai passando, você depois da primeira pesquisa, o nosso grupo de pesquisa já aprovou 4 projetos, todos assim de 2 em 2 anos a gente tem aprovado projetos no CNPq e agora apresentamos o quinto. Então, você vai consolidando o grupo com a agência de fomento, por causa disso eu recebi, acho, que a Bolsa Produtividade. Então, quer dizer, aquele fulano que começou lá, sem tanto acúmulo e experiência, que dizer, o movimento me oportunizou tanto uma rede acadêmica entendeu, por que em todos esses Projetos, as Universidades estavam presentes, os professores estavam presentes, eu também me envolvendo com a pós-graduação e a militância dos movimentos, quer dizer foi uma coisa que mudou muito a minha vida. Assim, eu passei a ter uma visibilidade que eu não

tinha antes, entendeu. Claro que eu sei que isso se deve ao meu esforço, ao meu engajamento ao meu compromisso. Mas, eu faço isso com prazer.(D1)

Encontrar satisfação naquilo que causaria sofrimento é algo só obtido pela via do fetiche que reconcilia duas situações opostas: “Então, a vida da gente não tem mais um tempo. Eu sinto, atualmente, eu tô me sentindo tão cansada que eu me sinto assim, parece que eu tô...é um estresse que eu tô sentindo tão profundo, que eu me sinto angustiada permanentemente.” (D4) Sentimento que logo dá lugar ao orgulho alcançado pela posição de destaque ocupado no cenário acadêmico: “Isso foi construindo assim uma base de reconhecimento. Aí hoje eu tenho esse espaço de reconhecimento nacional. Mas, assim, nós somos poucos que temos.” (D4)

A competição desencadeada nesta lógica instaura essa disputa. O sujeito se vê impelido a romper com seus limites de tempo e espaço. Até mesmo com o limite de sua condição humana. “Então isso me desespera!, me desgasta me irrita, mas ao mesmo tempo não, é o limite da tua condição de humanidade. Tu não consegues fazer tantas mil coisas assim.” (D2)

Enquanto ideologia, o modelo neoliberal finge suprir as necessidades que criou. Seu poder inversor, nas palavras de Marx: “É a irmanação das impossibilidades; obriga aquilo que se contradiz a beijar-se.”(1991, p. 192)

Conscientização.

Freud, na tentativa de explicar o narcisismo observou que : “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando devido à frustração, não se pode amar.” (2010, p.29). Deste modo, busca esclarecer um deslocamento que o sujeito faz retirando da realidade exterior a energia libinal presente em cada ser vivo que é então transferida para seu interior, como “ o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação.” (idem, p 15.)

Podemos compreender este mecanismo pelo qual os docentes são levados a desviar-se do que lhes causa sofrimento, na realização de seu trabalho, substituindo-o pela satisfação que investem na imagem que constroem de si próprios. Condição que, enquanto ideológica, nega sua afirmação como sujeito autônomo e livre; mas cria, ao mesmo tempo, as condições para que essa negação venha a ser anulada. Visto que a realidade, ainda que distorcida nesta falsa aparência, continua a existir e por isso mesmo, a gerar contradições.

eu acho que a gente tem no trabalho docente um papel muito importante, que é essa forma de minar, de cansar,... é exatamente por isso que você não tem tempo para ir mais ao sindicato: ‘Ah, eu lá vou pra esse negócio. Eu não quero saber, eu não tenho mais tempo. Eu vou eu é pra minha casa descansar, tô

cansada,.’ Ou: ‘Eu vou sair da minha casa mais cedo para assembleia? Não vou, eu só dou aula às quatro horas da tarde’. Então isso mina a nossa capacidade de resistência e de organização, exatamente né, e é isso que eles querem. Então a gente precisa estar... continuar... Eu vejo, que nós temos um aspecto privilegiado, por que nos temos a sala de aula. E, é nessa sala de aula, num estado burgês e numa sociedade capitalista, que a gente pode falar as coisas, e pode formar opinião. Eu acho que é um espaço que a gente não pode desperdiçar, assim como é o espaço das pesquisas, das temáticas que você escolhe, dos artigos que você publica. Todas essas são formas de militância e você não pode desperdiçar.(D2)

A retomada da essência que inclui a de nossa própria humanidade passa pela retomada de nossa história. Caminhos vem sendo abertos nesta direção que começa pelo reconhecimento da falsidade ideológica “A gente vive essa realidade. Esse ritmo exacerbado e vou dizer, que ele torna as nossas relações muito perversas, por que elas começam a ser medidas por algo que não existe.”(D 7)

Talvez a gente esteja passando por um momento de mudança. Outras habilidades, outras competências vão sendo necessárias, para essa realidade, Competências essas e habilidades que talvez não façam parte da minha geração. Daí a minha dificuldade e a dificuldade dessa geração de conseguir aceitar e entrar nesse sistema com muita facilidade, sem resistências, a gente reclama muito, mas o enfrentamento a gente ainda não consegue fazer. Por que o grau de competitividade que foi implantado foi tão grande que a resistência coletiva a ele, é quase impossível, desaparece. É muito pouco. (D8)

O reconhecimento de que a mudança necessária para implantação do modelo de sociabilidade imposta pelas políticas educacionais de cunho neoliberal exigem formas de adaptação, as quais não são facilmente assimiladas, já pode ser considerado como resistência.

Mas, ao mesmo tempo, parece que a resposta, e aí a resposta é uma coisa que a gente não tá conseguindo instituir isso no âmbito das universidades, as respostas a pensar no processo de superação disso precisavam ser dadas pelo conjunto, por uma ação articulada, no sentido de uma lógica solidária, sem aquele pieguismo, não, solidariedade no sentido de saber se relacionar com o objeto distinto e pensar a potencialização de seu trabalho a partir dessa relação com esse outro, que é o seu colega, que é o seu aluno. Acho que a gente ainda não conseguiu criar esses mecanismos de integração, de ação articulada. Ai pra mim isso é perverso, na medida em que você faz adesão...

Breves Considerações.

Se se pressupõe o *homem* como *homem* e sua relação com o mundo como uma relação humana, só se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. [...] Cada uma das relações com o homem – e com a natureza – deve ser uma *exteriorização determinada* da vida *individual efetiva* que se corresponda com o objeto da vontade. Se ama sem despertar amor, isto é, se teu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante tua *exteriorização de* vida como homem amante não te convertes em *homem amado*, teu amor é impotente, uma desgraça. (Marx, 1991, p.192)

A falsa identificação do homem com os objetos promovida pelo sistema, que desumaniza e coisifica o homem também representa a derrocada da razão. Os docentes por seu trabalho buscam a realização do que de humano há neles. O sistema apropria-se deste agir, que passa a ser comandado de forma heterônoma, para deles retirar a vontade.

Tal abstração é exterior, uma vez que sua essência não se revela nas ações exteriorizadas. A autonomia do sujeito que o conhecimento pode promover pela reflexão dirige-se para a afirmação e verdade de sua liberdade. Esta possibilidade de existência real está potencialmente presente na educação e nos docentes. A identificação com o que de humano há nesta relação é a resposta que encontram para a questão está colocada. A consciência teórica que permite a compreensão de ser social em um modo de existência próprio de sua atividade social.

Referências.

Bardin, Laurence, (2013). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.

Barros, José D'Assunção, (2011). O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 1 p. 236. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11> Acesso em 22.03.2015

Freud, Sigmund, (2010). Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos.(1914-1916). In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Marx, Karl, (2014). *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro II: O processo de circulação do Capital. São Paulo: Boitempo Editorial.

_____, (1991). *Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos*. Karl Marx, seleção de textos José Arthur Giannotti. Trad. José Carlos Bruni...[et al.].5. ed São Paulo: Nova Cultural. (Os pensadores; 12).

Pires, Valdemar Pires, (1999). Fetichismo na Teoria Marxista: Um comentário. *Impulso*. n.146. Disponível em http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp22_23art09.pdf Acesso em 11.03.2015

UFPA em números. Disponível em < [http:// www.ufpanumeros.ufpa.br/](http://www.ufpanumeros.ufpa.br/) Acesso em 20.03.2015.

UFRJ EM NÚMEROS. Disponível em <http://www.ufrj.br/docs/lai/UFRJemn%C3%BAmeros2012.pdf> Acesso em 20.03.2015.